

Porque gosto de arte – sobretudo quando a tentam silenciar

written by Amadeu Ricardo | 31 de Março, 2026

OCIDADÃO
Amadeu Ricardo

OPINIÃO
Amadeu Ricardo



Há momentos em que a realidade deixa de ser difusa e começa a ganhar contornos demasiado nítidos. Este é um deles.

Nos Estados Unidos, a censura de livros não é um episódio isolado nem uma reacção pontual. Tem números, tem estratégia – e, sobretudo, tem nomes.

Só no ano lectivo de 2023–2024, registaram-se 6.870 proibições de livros nas escolas públicas. Desde 2021, acumulam-se mais de 23.000 casos. Não são acidentes. São um movimento.

Proibição de livros de BD está a aumentar nos EUA: “Temos de lutar contra isto”



E como todos os movimentos, são organizados.
Chama-se Moms for Liberty.
Chama-se Citizens Defending Freedom.
Chama-se No Left Turn in Education.

Não agem com barulho – operam sim, com método. Listas, campanhas, pressão política, legislação. É uma arquitectura de controlo que se apresenta como defesa, mas que funciona como uma restrição.



Toni Morrison. Direitos Reservados.

E depois há os exemplos, livros.

Gender Queer, de Maia Kobabe – foi retirado de inúmeras

escolas.

Maus, de Art Spiegelman – uma das mais importantes obras gráficas sobre o Holocausto, que também foi banida.

The Bluest Eye, de Toni Morrison – literatura que confronta a violência racial.

Não são casos marginais. São escolhas.

E dentro destas escolhas, a banda desenhada ocupa um lugar cada vez mais visível – e, por isso mesmo, mais atacado.

Talvez porque a BD não permite distância.

A imagem fixa o que o texto ainda poderia diluir.

O olhar é confrontado antes de poder recuar.

A banda desenhada não é um género menor. É um meio directo. E isso torna-a perigosa para quem prefere longas mediações, filtros, e amortecimentos.

Mas o padrão repete-se:

os livros visados falam de identidade, género, raça, corpo, e memória histórica.

Não é sobre a linguagem explícita.

É sobre a visibilidade.

O que está em causa não é proteger leitores – é controlar os discursos.

E aqui convém falar claro e sem rodeios:

não há neutralidade neste processo.

Quando se retira Maus, não estamos a discutir o formato – está-se a reconfigurar a forma como a história pode ser contada.

Quando se remove Gender Queer, não se está a preservar inocência – está-se a apagar experiências concretas.

Quando se afasta Toni Morrison, não se está a proteger sensibilidade – está-se a evitar o confronto.

Isto tem um nome: CENSURA.

E tem também uma consequência menos visível, mas mais profunda: a redução do campo do imaginável.

Porque ler nunca foi apenas o acesso a conteúdos.

Ler é um exercício de deslocamento.

É entrar em territórios onde não estamos garantidos.

É sustentar o desconforto.

É aceitar que o mundo não cabe numa única versão.

Quando este exercício é limitado, não se está apenas a retirar livros – está-se a estreitar a possibilidade de pensamento.

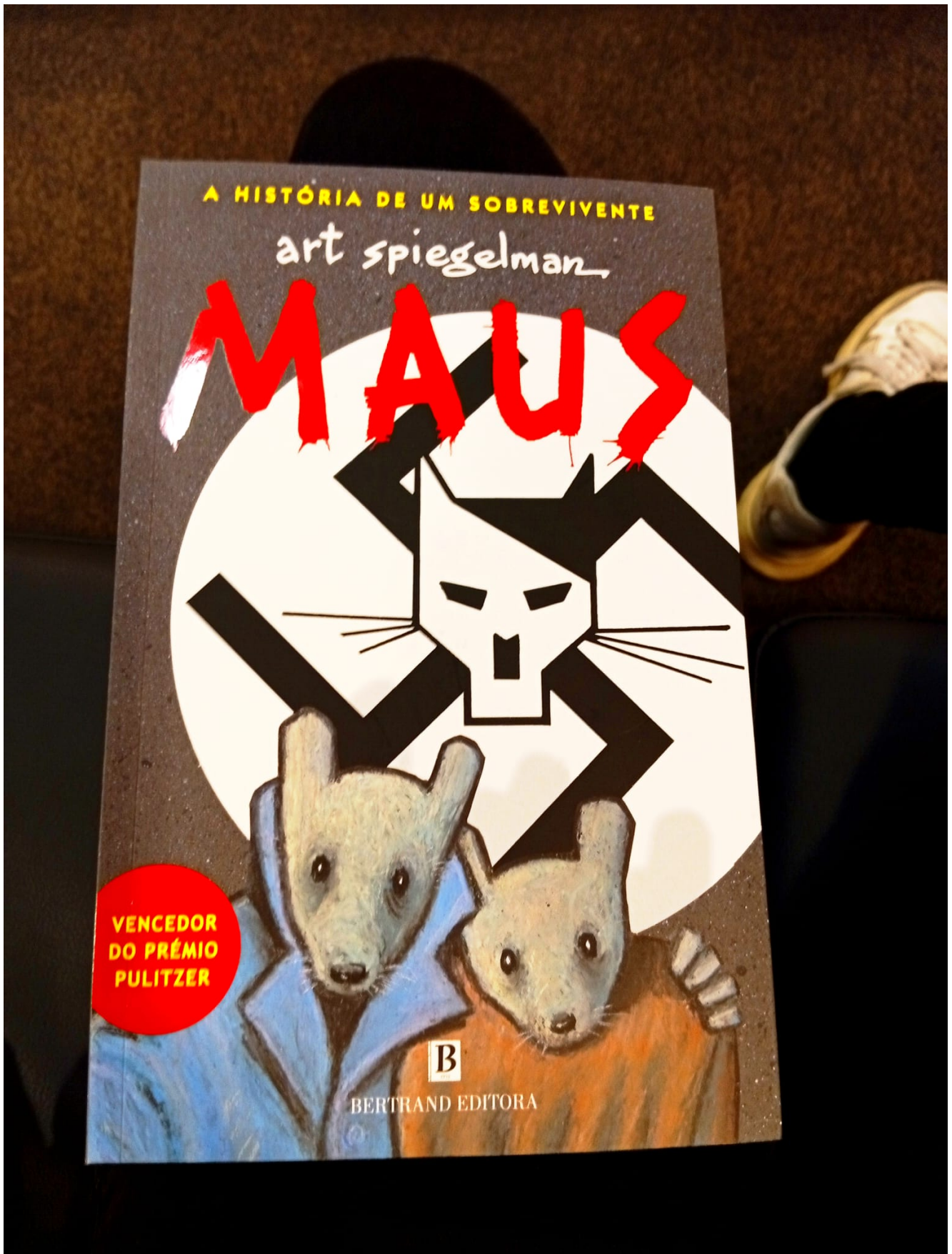
E talvez seja precisamente isso que está em jogo.

Não o excesso.

Mas a contenção.

Não o perigo.

Mas a complexidade.



Maus. Direitos Reservados

Há uma longa história das várias tentativas de silenciar a arte. E sabemos que todas falham – a prazo. Mas isso não as

torna inofensivas no presente.

Cada livro banido cria um precedente.

Cada lista negra constrói um hábito.

Cada ausência normalizada torna-se mais difícil de reconhecer.

Por isso, a resposta não pode ser tímida nem abstracta.

Tem de ser concreta.

E também ela tem nomes.

Ler Maia Kobabe.

Ler Art Spiegelman.

Ler Toni Morrison.

E não apenas como gesto de resistência, mas como afirmação de um princípio simples:

ninguém deve decidir, por nós, o que podemos ou não imaginar.

Porque, no fim, é disso que se trata – não de livros, mas de LIBERDADE.

E essa, quando começa a ser editada, raramente fica por aí.

Referências:

PEN America – Banned in the USA: Beyond the Shelves (relatórios 2023–2025)

Reuters – Bertelsmann cranks up legal fight against US book bans as market grows (2026)

TIME – The Most Banned Authors in U.S. Schools

American Library Association (ALA) – State of America's Libraries Report

The Guardian – investigações sobre grupos organizados por trás das proibições

Book Riot – análises sobre censura em banda desenhada e graphic novels

Estas fontes e exemplos permitem não confirmar apenas os números, mas perceber a estrutura – política, cultural e ideológica – que sustenta este movimento.